

JANE FELIX DE ALENCAR



FELICIDADE EM SANTO AGOSTINHO

30774
5000

Tombo n°:	7542
Classif.:
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	19-03-03

JANE FELIX DE ALENCAR

FELICIDADE EM SANTO AGOSTINHO

Trabalho apresentado à FACER como requisito parcial a Disciplina Dissertação Filosófica II, para fins avaliativos do professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

Rubiataba/2001

DEDICATÓRIA

Dedico esta Dissertação Filosófica aos meus queridos pais: Ivone Divina Félix de Queiroz e Jario Rubens de Alencar, pois foi através do apoio deles, que decidi fazer este curso, tão importante ao meu conhecimento, a minha vida.

Ofereço também ao meu marido: Antônio Nunes da Fonseca Júnior, que me animou muitas vezes, quando aparecia as dificuldades e pela força que tem me dado em todas as horas que precisei e que sempre estava pronto a ajudar.

É de pessoas assim tão especiais como vocês, que precisamos para reagirmos nas horas difíceis e alcançarmos a vitória!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	04
SANTO AGOSTINHO	05
FELICIDADE	13
Conceito de Felicidade	15
CARIDADE.....	19
A Caridade, o cerne da moral	21
Justiça e Caridade	22
Fé e Caridade	23
CONCLUSÃO	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade, esclarecer algumas dúvidas que muitos têm em relação ao que é felicidade e o que é caridade, também o que uma tem haver com a outra.

Sabemos o quanto hoje ser “feliz” é fácil , porque? Porque na maioria das vezes as pessoas se conformam com essa felicidade passageira, com essa felicidade de momentos, poucos sabem que a verdadeira felicidade vem de Deus.

Somos fracos, e nossa tendência é nos deixar seduzir, ser levados por falsas ideologias, aceitamos tudo conforme nos acontece. Este trabalho servirá para clarear nossa mente sobre o que é realmente felicidade. Porque o que é felicidade para alguém , pode não ser para mim.

A caridade está totalmente ligada a felicidade, porque a partir do momento que sentimos a necessidade de ajudar ao nosso próximo, independente de ser uma ajuda material ou não, essa necessidade sai do nosso coração e quando feita o primeiro sentimento que nos aparece é o da Felicidade.

SANTO AGOSTINHO

Aurélio Agostinho nasceu em 354 em Tagasta, pequena cidade da Numídia, na África. Seu pai, Patrício, era pequeno proprietário de terras, ainda ligado ao paganismo. Já sua mãe, era fervorosa cristã. Depois de ter freqüentado a escola em Tagasta e na vizinha Madura, conseguiu ir para Cartago, graças à ajuda financeira de um amigo de seu pai, para realizar seus estudos de retórica (370/371).

A sua formação cultural realizou-se inteiramente na língua latina e com base nos autores latinos (só superficialmente e não de muito bom grado ele se aproximou dos gregos). Para ele, Cícero manteve-se durante longo tempo como modelo e ponto de referência essencial.

Na época de Agostinho, o retórico já perdera o seu papel antigo, que como sabemos, era papel político e civil (cf. acima, pp. 80e82), tendo-se tornado essencialmente professor. E, assim, Agostinho ensinou primeiro em Tagasta (374) e depois em Cartago (375-383). Mas a turbulência dos estudantes cartagineses o levou a transferir-se para Roma em 384.

No mesmo ano, passou de Roma para Milão, onde assumiu o cargo de professor oficial de retórica da cidade. Agostinho chegou a Milão graças ao apoio dos maniqueus, dos quais, como veremos, foi seguidor durante certo período. Mas em Milão, entre 384 e 386, através de profundas reflexões espirituais, amadureceu sua conversão ao cristianismo. Conseqüentemente, Agostinho demitiu-se de cargo de professor oficial e retirou-se para Cassiciaco (na Briância), onde passou a levar vida em comum com os amigos, a mãe, o irmão e o filho Adeodato.

Em 387, Agostinho recebeu o batismo do bispo Ambrósio (que desempenhara papel não desprezível, ainda que indireto, em sua conversão) e

deixou Milão para retornar à África. No caminho de volta, em Óstia, morreu sua mãe Mônica. Mas Agostinho só conseguiu voltar à África em 388, porque havia usurpado o poder naquela região e a viagem se tornara perigosa. Nesse meio tempo, esteve em Roma, onde permaneceu durante quase um ano.

Voltando finalmente a Tagasta, vendeu os bens paternos e fundou uma comunidade religiosa, adquirindo logo grande notoriedade pela santidade de sua vida. Em 391, quando se encontrava em Hipona, foi ordenado sacerdote pelo bispo Valério, sob pressão dos fiéis. Em Hipona, ele ajudou Valério, sobretudo na pregação, e fundou um mosteiro, onde se reuniram velhos e fiéis amigos, aos quais se uniram novos adeptos.

Em 395, foi consagrado bispo. E, no ano seguinte, com a morte de Valério, Agostinho tornou-se bispo efetivo. Na pequena cidade de Hipona, ele travou grandes batalhas contra cismáticos e heréticos, nela escrevendo também os seus livros mais importantes. Daquela pequena cidade localidade africana, com seu pensamento e a sua tenaz obra, ele determinou uma reviravolta decisiva na história da Igreja e do pensamento e do pensamento do Ocidente. Morreu em 430, quando os vândalos sitiavam a cidade.

Todas essas fases de sua vida e os acontecimentos a elas relacionados, em muitos aspectos, mostraram-se decisivos para a formação espiritual e a evolução do pensamento filosófico e teológico de Agostinho. Por isso, falaremos mais em pormenores desses aspectos:

- a) A primeira personalidade que incidiu profundamente sobre a alma de Agostinho, sem dúvida, foi a de sua mãe Mônica (já a figura do seu pai Patrício era bastante esmaecida e evanescente). Foi ela quem, com sua firme fé e seu coerente testemunho cristão, lançou em certo sentido as bases e construiu as premissas da futura conversão do filho, sobre o qual, depois exerceu estímulo muito tenaz. Mônica tinha uma modesta cultura, mas possuía a força daquela fé que, na religião pregada por Cristo, mostra aos humildes as verdades que oculta dos doutos e sábios, assim, as verdades de Cristo vistas através da forte fé da mãe constituíram o ponto de partida de evolução de Agostinho, embora por diversos anos ele não aceitasse a religião cristã católica e continuasse a procurar sua identidade em outras partes.

- b) O segundo encontro fundamental foi com o *Ortensio*, de Cícero, obra que converteu Agostinho à filosofia quando estudava em Cartago. Nesse escrito, Cícero defendia um conceito de filosofia entendida de modo tipicamente helenista, como sabedoria e arte do viver que traz a felicidade. Escreveria depois Agostinho em suas *Confissões*: “Na verdade, aquele livro mudou os meus sentimentos e tornou até diferente as minhas preces (...) e diferentes os meus votos e os meus desejos. De repente, toda esperança humana tornou-se-me vil e eu proclamava a sabedoria imortal com incrível ardor de espírito”. O ardor despertado pelo *Ortensio*, entretanto, era atenuado pelo fato de que nele Agostinho não encontrava o nome de Cristo. Escreve ele: “pois esse nome (...) o meu coração ainda tenro havia bebido piamente junto com o leite materno e o conservava profundamente esculpido. E tudo o que estivesse em esse nome, por mais literariamente fosse límpido e verdadeiro não me conquistava de todo.” Agostinho voltou-se então para a Bíblia, mas não a entendeu. O estilo com o qual estava redigida, tão diverso do estilo rico em refinamento da prosa ciceroniana, e o modo antropológico que parecia falar de Deus velaram sua compreensão, constituindo um bloqueio insuperável.
- c) Aos dezenove anos (373), Agostinho abraçou o maniqueísmo, que parecia oferecer-lhe ao mesmo tempo uma doutrina de salvação no nível racional e um espaço também para Cristo. O maniqueísmo, uma religião herética fundada pelo persa Mani no século III, implicava: 1) vivo racionalismo; 2) um marcado materialismo; 3) dualismo radical na concepção do bem e do mal, entendidos não apenas como princípios morais, mas também como princípios ontológicos e cósmicos. Eis alguns trechos do escrito sobre as Heresias, de Agostinho, que ilustram pontos destacados dessa religião. Os maniqueístas, escreve Agostinho afirmaram “a existência de dois princípios diversos e adversos entre si, mas, ao mesmo tempo, eternos e coeternos (...) e, seguindo outros Heréticos antigos, imaginaram duas naturezas e substâncias, a do bem e a do mal. Segundo seus dogmas, afirmam que essas duas substâncias estão em luta e mescladas entre si. “como relata ainda Agostinho, a doutrina maniqueísta apresentava formas como o bem se purifica do mal fazendo amplo uso de narrações fantásticas. O bem é a luz, o sol e a lua são os barquinhos que levam a Deus a luz esparsa em todo o mundo e misturada ao princípio oposto. A purificação do mal pelo bem é

realizada também por obra da classe dos homens “eleitos”, que, juntamente com a classe dos “ouvintes”, constituía a sua igreja. Os eleitos purificavam o bem não só com uma vida pura (castidade e renúncia à família), mas também abstando-se dos trabalhos materiais e seguindo uma alimentação especial. Os “ouvintes”, que viviam vida menos perfeita, eram, em compensação, os que forneciam o que era necessário para a vida dos ‘eleitos”. Para os maniqueístas, Cristo foi revestido somente de carne aparente e, portanto, também foram aparentes a sua ressurreição. Moisés não foi inspirado por Deus, sendo um dos príncipes das trevas, razão pela qual se devia rejeitar o *Antigo Testamento*. A promessa do Espírito Santo feita por Cristo ter-se-ia realizado em Mani. Em seu dualismo extremo, os maniqueístas até a não atribuir o pecado ao livre-arbítrio do homem, mas sim ao princípio universal do mal que atua também em nós. Escreve Agostinho: “pretendem (...) seja uma substância contrária (...) e *que duas almas e duas inteligências, uma boa e a outra má, lutam entre si no homem, ser único, quando a carne tem desejos contrários ao espírito e o espírito desejos contrários à carne*”. É evidente que o “racionalismo” dessa heresia está na eliminação da necessidade da fé ,muito mais do que na explicação de toda a realidade pela pura razão. Mani mais do que na explicação de toda a realidade pela pura razão. Mani era oriental e, como tal abria amplo espaço para a fantasia e a imaginação assim, doutrina revela-se mais próxima das filosofia do oriente do que da filosofia dos gregos. Agostinho, conseqüentemente, logo foi colhido por muitas dúvidas. Um encontro que teve com o bispo maniqueu fausto convenceu-o da insustentabilidade do doutrina maniqueísta. Com efeito, Fausto, considerado como a maior autoridade da seita naquele momento, não esteve em condições de resolver nenhuma das dúvidas de Agostinho, inclusive asmitindo-o sinceramete.

- d) Já em 383/384 Agostinho se afastava interiormente do maniqueísmo, tentado agora a abraçar a filosofia da *Academia Cética*, segundo a qual o homem deve duvidar de tudo. Porque não pode ter conhecimento certo de nada, como já vimos (cf. acima, pp. 272-74). Mas, uma vez mais, não se sentiu em condições de seguir os cétricos porque em seus escritos não encontrava o nome de cristo. Entretanto, do maniqueísmo ainda guardava o materialismo, que lhe parecia o

único modo possível de entender a realidade, e o dualismo, que lhe parecia explicar os fortes conflitos entre bem e mal que sentia em seu espírito.

- e) Os encontros decisivos de Agostinho deram-se em Milão: 1) do bispo Ambrósio, ele aprendeu o modo correto de abordar a Bíblia, que, conseqüentemente, tornou-se-lhe inteligível; 2) a leitura dos livros dos neoplatônicos revelou-lhe a realidade do imaterial e a não-realidade do mal; 3) lendo são Paulo, por fim, apreendeu o sentido da fé, da graça e do Cristo redentor. Os antigos elos, que por tanto tempo o haviam mantido preso, romperam-se definitivamente. Dada a importância desses encontros, é necessário precisar alguns detalhes. 1) Inicialmente, Agostinho ouviu Ambrósio com interesse profissional, isto é, como um retórico que ouve outro retórico. Mas, como escreve ele nas Confissões, “enquanto abria o coração para acolher a eloqüência, nele entrava, ao mesmo tempo, também a verdade, mas só pouco a pouco (...): especialmente depois que o ouvi expor e freqüentemente resolver passagens obscuras da antiga Escritura, que eu entedia ao pé da letra, permanecendo sem saída.” A partir daí, o repúdio maniqueísta ao Antigo Testamento já lhe parecia injustificado e infundado. E mais, escreve ele ainda, “se eu conseguisse pensar uma substância espiritual, todas as complicadas construções dos maniqueus se desmantelariam”. 2) Plotino e Porfírio, que Agostinho leu na tradução de M. Vitorino, sugeriram-lhe finalmente a solução das dificuldades ontológico-metafísicas em que se encontrava envolvido. Além da concepção do incorpóreo e da demonstração de que o mal não é substância, mas simples privação, Agostinho também encontrou nos platônicos muitas tangências com a Escritura, porém mais uma vez, neles não encontrou um ponto essencial, ou seja, que Cristo morreu pela remissão dos pecados dos homens: “isso não se lê neles”, escreveu. 3) Agostinho não podia encontrar em nenhum dos filósofos a verdade do Cristo crucificado pela remissão dos pecados dos homens, porque segundo a doutrina cristã, como j[á] recordamos. Deus quis portanto, uma verdade que, para ser adquirida, *requer uma revolução interior, não de razão, mas de fé*. E Cristo crucificado é precisamente o caminho para operar essa revolução interior. É sobretudo com Paulo que Agostinho aprende isso, como ele próprio nos diz nas Confissões: “Uma coisa é vislumbrar a pátria da paz do cume de um monte cercado pelo bosque, não encontrar o caminho que leva a ela e cansar-se inutilmente por

lugares impraticáveis, cercados e infestados por desertores fugitivos (...); outra coisa, porém, é encontrar-se no bom caminho, tornado seguro pela solícitude do imperador celeste, livre dos assassinos que desertaram da milícia celeste, os quais o evitam como se fosse um suplício. *Essas verdades penetravam em mim de modo maravilhoso quando eu lia as páginas do 'menor' dos teus apóstolos.*"

- f) A última fase da vida de Agostinho foi caracterizada pelos debates polêmicos e pelas batalhas contra os heréticos. A polêmica contra os maniqueístas perdurou até 404. Posteriormente, Agostinho esteve empenhado predominantemente contra os donatistas, que defendiam a necessidade de não readmitir na comunidade cristã todos os que, durante as perseguições, haviam cedido aos perseguidores, apostatando ou sacrificando aos ídolos, sustentando conseqüentemente a não validade dos sacramentos administrados por bispos ou padres que houvessem incorrido em tais culpas. Agostinho compreendeu muito bem que o erro de Donato e seus seguidores consistia em fazer a validade do sacramento depender da pureza do ministro e não da graça de Deus. Na conferência de bispos realizada em Cartago em 411, Agostinho colheu os frutos de sua polêmica com uma clara vitória. A partir de 412, Agostinho polemizou particularmente contra Pelágio e seus seguidores, que sustentavam que a boa vontade e as obras eram suficientes para a salvação do homem, desprezando a necessidade da graça. Em uma série de obras, santo Agostinho mostrou que a revelação cristã gira essencialmente em torno da necessidade da graça, ao contrário do que acreditavam os pelagianos. A sua tese triunfou no Concílio de Cartago de 417 e o papa Zózimo condenou o pelagianismo. A tese de Pelágio estava em sintonia substancial com as convicções dos gregos sobre a *autarquia da vida moral do homem, enquanto a tese de Agostinho era de que o cristianismo aquela convicção*. Escreva com razão M. Pohlenz: "O fato de a Igreja ter-se pronunciado por tal doutrina assinalou o fim da ética pagã de toda a filosofia helênica - e assim começou a Idade Média."

A produção literária de Agostinho é imensa. Recordaremos somente as obras principais:

- a) O período de Cassiciaco caracteriza-se pelos escritos de caráter predominantemente filosófico: *Contra as acadêmicos*, *A vida feliz*, *A ordem*, *Os solilóquios*, *A imortalidade da alma* (este último escrito em Milão). *A qualidade da alma*, escrito em Roma, é de 388. Em Tagasta (388-391) foram compostas as obras *O mestre* e *A música*. Trata-se de escritos próximos aos de Cassiciaco.
- b) A sua obra-prima dogmático filosófico-teológica é *A trindade* (399-419).
- c) A sua obra-prima apologética é *A cidade de Deus* (413-427).
- d) Os escritos exegéticos de maior destaque são: *A doutrina cristã* (396-429), os *Comentários literais ao Gênesis* (401-414), os *Comentários a João* (414-417) e os *Comentários aos Salmos*.
- e) Das obras contra os maniqueístas, podem-se recordar: sobre os costumes da Igreja católica e os costumes dos maniqueus (388-389), sobre o livre- arbítrio (388e391/395). *A verdadeira religião* (390) e *Sobre o Gênesis contra os maniqueus* (398).
- f) Dentre os escritos contra os donatistas, recordamos: *Contra Epístola de Parmeniano* (400), *Sobre o batismo contra a donatistas* 9401) e *Contra Gaudêncio, bispo dos donatistas* (419/420).
- g) Fazem parte dos escritos polêmicos antipelagianos: *O espírito e a letra* (412), *Sobre a gesta de Pelágio* (417) e *A graça de Cristo e o pecado original* (418).
- h) Duas obras inauguraram gêneros literários novos: as *confissões* (397), que são uma verdadeira obra-prima também do ponto de vista literário, e as *Retratações* (426/427), em que Agostinho reexamina e retifica algumas teses contidas em sua produção anterior, que não estavam ou não lhe pareciam perfeitamente alinhadas com a fé cristã.

Um dos maiores estudiosos da Patrística, B. Altaner, o seguinte juízo sobre Agostinho: "O grande bispo unia em si a energia criadora de Tertuliano e amplitude de espírito de Orígenes com o sentido eclesiástico de Cipriano, a agudeza dialética de Aristóteles com o idealismo elevado e a especulação de Platão, o

sentido prático dos latinos com a flexibilidade espiritual dos gregos. Ele foi o maior filósofo da época patrística e, sem dúvida, o mais importante e influente teólogo da Igreja em geral.(...) Aquilo que Orígenes foi para a ciência teológica dos séculos III e IV Agostinho seria, de modo muito mais duradouro e eficaz, para toda a vida da Igreja nos séculos posteriores, até a época contemporânea. A sua influência se estendeu não só ao domínio da filosofia, da dogmática, da teologia moral e da mística, mas também à vida social e caritativa, à política eclesiástica e ao direito público. Em resumo ele foi o grande artífice da cultura ocidental da Idade Média.

FELICIDADE

FELICIDADE é o Estado de satisfação devido à situação no mundo¹. Há uma maneira diferente de ser feliz, quando cada um possui a felicidade em concreto. Há quem seja feliz simplesmente em esperança. Estes possuem a felicidade de um modo inferior ao daqueles que já são realmente felizes. Mas, ainda assim, estão muito melhor que aqueles que não tem nem a felicidade, nem a sua esperança. Mesmo estes devem experimentá-la de qualquer modo, porque, no caso contrário, não desejariam ser felizes.

Existem pessoas que acham que felicidade é ter um carro, situação financeira estável, viver bem com a família, saúde, viagens, e tudo mais, ou seja concluindo isto seria “momentos felizes”, sendo que tudo isso na concepção de Agostinho é “uma felicidade passageira”

Outros dizem que Felicidade é estar bem consigo mesmo, que seria aquela paz de espírito, aquele momento de reflexão, de harmonia, de paz interior.

O que é felicidade? O equilíbrio da mente? A capacidade de lidar com as rasteiras que a vida dá, uma estado de espírito ou algo escondido dentro de cada um? Ninguém sabe ao certo defini-la , muito menos qual a receita para alcança-la. Desde que o mundo é mundo, poetas, filósofos, religiosos e mortais comuns tentam realizar essa proeza. Mas parece que ela está sempre escapando e que o vizinho sabe, indiscutivelmente, ser mais feliz. Apesar da eteriedade do tema, a ciência também resolveu se arriscar nessa busca e acreditar ter conseguido boas pistas. Os cientistas comprovam que a felicidade está nas pequenas coisas . Não brigar com a

¹ Nicola Abbagnano, Dicionário de Filosofia, p. 41

realidade, ter objetivos e não perder tempo com fatos sem importância podem trazer mais alegria do que beleza e dinheiro.

A capacidade de atingir o estado de graça ou felicidade suprema estaria mais ligada a um jeito especial ou disposição de observar e interpretar o mundo. Pessoas com essas qualidades costumam enxergar o mundo com lentes cor-de-rosa, e dizem que a receita para se ter felicidade é ter bons amigos, autonomia, amor-próprio e competência, pois são de fundamental importância para se espantar as angústias e viver bem, algumas vezes chegam a ser mais importantes que o dinheiro, fama e beleza.

Para se ter felicidade exige-se esforço, não sabemos se a encontramos dentro ou fora de nós, só podemos concluir é que ela não cai do céu e também que nós não podemos ser feliz sozinhos, temos que ter algo que nos completa.

De certa forma a tendência do ser humano é estar “quase” sempre feliz com alguma coisa, porque na realidade nós vivemos é de “momentos” de alegrias que achamos de felicidade . Agostinho diz que a verdadeira felicidade consiste em Deus. E como chegaremos a ela? Através de nós mesmos, de nossas crenças, de nossa confiança e de nossa fé e perseverança, pois se aceitarmos a Deus como TUDO em nossa vida, aí sim, seremos realmente felizes.

Nascemos todos com direito à felicidade, ao amor, à liberdade, ao atendimento de nossas necessidades. Nosso alvo é trabalhar e encontrar a felicidade. E ter felicidade é estar interessado na vida, é atender ao apelo da vida, não apenas com o cérebro, mas com todo o ser.

A vida é dinâmica e o homem só pode ser feliz se crescer e, para isso tem que mudar constantemente. Se morrermos para o “fluxo da vida”, ficamos à margem dela e negamos a felicidade.

A felicidade constitui uma condição natural do ser humano. Para constatar isto, basta olhar as crianças brincando. A necessidade da aprovação alheia, um dos condicionamentos que a educação desenvolve em nós, é um dos grandes empecilhos à felicidade.

É impossível passar pela vida sem grandes doses de desaprovação alheia. Isto infelizmente não podemos evitar: é o preço que pagamos por estarmos

vivos. Se disso, portanto, depender a nossa felicidade, seremos eternamente amargurados.

A felicidade consiste, sem dúvida, num eterno "recriar a vida". A ânsia de viver, que nada acalma, é a chama de nossa alma, que clama pela felicidade! Por isso ela só entra em nosso coração, quando vivemos plenamente.

Todas as coisas da vida são como uma moeda: são infelizes as pessoas que olham sempre para a face triste. É preciso ter um coração aberto, amar sempre, confiar, esperar. É preciso deixar que a luz germine o silêncio nas fontes adormecidas de nossas almas.

Conceitos de Felicidade

Santo Agostinho, juntamente com seus amigos, chega a conclusão de que aquele que deseja ser feliz, deve procurar um bem permanente, já que em nenhum instante podemos possuir aquilo que é passageiro e que não traria a felicidade, mas o único bem permanente seria a paz de espírito que encontraremos dentro de nós mesmos, seria a verdadeira felicidade "DEUS". Ele dizia que quando procurava o "DEUS" ele buscava a vida feliz.

Porque Deus? Porque só Ele nos completa, nos realiza., é Ele quem preenche nosso vazio, nos conforta nas horas de angustia e solidão, é Ele quem está conosco em nossas horas de enfermidade, nas nossa horas alegres e em todos os lugares que estivermos.

Agostinho preocupa em saber se nós já temos uma noção do que é felicidade armazenada em nossa memória, porque se tivermos é sinal de que alguma vez já fomos felizes. Ele indaga ainda "se fomos todos felizes individualmente, ou se fomos somente naquele homem que primeiro pecou, em que todos morremos, e nascemos na infelicidade".

Tales julgava feliz “quem tem corpo são e forte, boa sorte e alma bem formada”. A boa saúde, a boa sorte na vida e o sucesso da formação individual, que constituem os elementos da felicidade.

Demócrito, de maneira quase análoga, definia a Felicidade. como “a medida do prazer e a proporção da vida”, que era manter-se afastado dos defeitos e dos excessos. De qualquer maneira, Felicidade e infelicidade pertencem à alma uma vez que somente a alma “é morada do nosso destino”. A relação que muitas vezes se estabeleceu entre Felicidade e prazer tem o mesmo significado, ou seja, é a conexão entre o estado definido como Felicidade e a relação com o próprio corpo, com as coisas e com os homens. A Felicidade é o sistema dos prazeres particulares, em que se somam também os passados e os futuros”.

Platão, negava que a Felicidade consistisse no prazer e a julgava, ao contrário, relacionada com a virtude. “Os felizes são felizes por possuírem a justiça e a temperança; os infelizes são infelizes por possuírem a maldade”, segundo Platão senão a capacidade da alma de cumprir seu próprio dever, ou seja de dirigir o homem da melhor maneira. Portanto, também a noção platônica de Felicidade. é relativa à situação do homem no mundo e aos deveres que aqui lhe cabem. As pessoas felizes.

Segundo **Aristóteles**, devem possuir as três espécies de bens que se podem distinguir, quais sejam, os exteriores, os corpo e os da alma. É verdade que “os bens exteriores, assim como qualquer instrumento, têm um limite dentro do qual desempenham sua função utilitária de instrumentos, mas além do qual se tornam prejudiciais ou inúteis para quem os possui. Os bens espirituais, ao contrário, quanto mais abundantes, mais úteis”. Mas em geral pode-se dizer que “cada qual merece a Felicidade., na medida da virtude, do tino e da capacidade de bem agir que possui, podendo se tomar como exemplo a divindade, que é feliz e bem-aventurada não graças aos bens exteriores, mas por si mesma, por aquilo que ela é, por natureza”.

A Felicidade., é acessível ao sábio que mais facilmente se basta a si mesmo, mas é a isso que devem, tender todos os homens e as cidades. O sábio é aquele que basta a si mesmo e que acha a Felicidade. em si mesmo, o eu melhor se chamaria bem-aventurança. Nos estóicos plotino critica a incoerência que consiste em considerar a Felicidade. independente das coisas externas ao a mesmo tempo que aponta essas mesmas coisas como objeto da razão, para plotino, a Felicidade. é

a própria vida, por isso, enquanto pertence a todos os seres vivos, pertence eminentemente à vida mais completa e perfeita, que é a da inteligência pura. a Felicidade do sábio não pode ser destruída pela má sorte, pelas doenças físicas ou mentais, nem por qualquer circunstância desfavorável, assim como não pode ser aumentada pelas circunstâncias favoráveis, por isso, é a própria bem-aventurança de que gozam os deuses.

Locke diz que a Felicidade “é o maior prazer de que somos capazes, e a infelicidade o maior sofrimento; o grau ínfimo daquilo que pode ser chamado de Felicidade é estar tão livre de sofrimento e ter tanto prazer presente que não é possível contentar-se com menos”.

Leibniz: “creio que a Felicidade é um prazer durável, o que não poderia acontecer sem o processo contínuo em direção a novos prazeres”(Nouv. ess, II 21,420.).

A noção de Felicidade como prazer ou como soma, ou melhor, “sistema” de prazeres, segundo a expressão do velho **Aristipo**, começa a adquirir significado social como **Hume**: a Felicidade torna-se um prazer que pode ser difundido, o prazer do maior número, e dessa forma a noção de Felicidade torna-se a base do movimento reformador inglês do séc. XIX, **Kant**, julgava impossível considerar a Felicidade como fundamento da vida moral, esclarecia a noção de Felicidade sem recorrer à de prazer: “A Felicidade é a condição do ser racional no mundo, para quem, ao longo da vida tudo acontece de acordo com seu desejo e vontade”.

Kant julga que a Felicidade é parte integrante do bem supremo, que para o homem é a síntese de virtude e felicidade. Mas como tal o bem supremo não é realizável no mundo natural, seja porque nada garante neste mundo a perfeita proporção entre moralidade e Felicidade, em que consiste o bem supremo, seja porque nada garante a satisfação plena de todos os desejos e tendências do ser racional, em que consiste a Felicidade.

Hegel também insiste torna-se o ideal de um estado ou condição inatingível, a não ser no mundo sobrenatural e por intervenção de um princípio onipotente. Não é de admirar, portanto, que toda a parte da filosofia moderna que passou pelo filtro do kantismo tenha desprezado a noção de Felicidade e não a

tenha utilizado na análise daquilo que a existência humana é ou deve ser. **Hume**, “quando se elogia alguma pessoa bondosa e humana”, nunca se deixa de dar destaque “à Felicidade e satisfação da sociedade humana em poder contar com sua ação e com seus bons serviços”. Portanto, identificara o que é moralmente bom com o que é útil e benéfico. Depois dele, **Bentham** retomava como fundamento da moral a fórmula de **Beccaria**: “A maior Felicidade possível, no maior número de pessoas”, fórmula em que também se inspiraram **James Mill** e **Stuart Mill**, acentuando cada vez mais o seu caráter social. Eles sabem que a Felicidade, por depender de condições e circunstâncias objetivas além atitudes do homem, não pode pertencer ao homem em sua individualidade, mas só ao homem enquanto membro de um mundo social.

Na tradição cultural inglesa e americana, a noção de Felicidade permaneceu viva com essa forma e, além do pensamento filosófico, inspirou o pensamento social e político. O princípio da maior felicidade continuou por muito tempo sendo a base do liberalismo moderno de cunho anglo-saxônico.

O que **Russell** acrescenta de novo à noção tradicional de Felicidade (além de uma convincente análise das situações atuais de “infelicidade”) é uma condição que ele julga indispensável: a multiplicidade dos interesses das relações do homem com as coisas e com os outros homens, portanto a eliminação do “egocentrismo”, do fechamento em si mesmo e nas paixões pessoais. Trata-se de uma condição que coloca a Felicidade em posição diametralmente oposta à da auto-suficiência do sábio, que os antigos consideravam o grau mais elevado de Felicidade.

Com efeito, nos graus e nas formas em que pode ser considerada realizável, a Felicidade é um estado de calma, uma condição de equilíbrio pelo menos relativo, de satisfação parcial e todavia efetiva, que é exatamente o oposto da inquietude romântica.

CARIDADE

A caridade é sofredora, é benigna, não é invejosa, ela não trata com leviandade, não se ensoberbece, não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a verdade, tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. A caridade nunca falha:

A benevolência define-se como o “desejo de fazer bem aos outros”. A bondade leva-nos à realização desse bem. ninguém é benévolo, ninguém é bondoso sem que isso resulte em extraordinários benefícios para si mesmo. Dando, recebemos, e mais ainda do que damos. O próximo, aceita-o como ele é. Faz mais: nele distingue as boas qualidades. Nunca encontrei. Em todos nós alternam-se boas e más qualidades basta-nos um olhar mais ou menos interessado sobre mais ou menos interessado sobre a população da terra para constatar este fato muito simples: aqui não é a morada da perfeição. Foi Jesus Cristo que criou a confraternidade; revelou em Deus um pai de quem somos os filhos. Aos olhos do cristão, o próximo é toda criatura humana, sem distinção alguma, sem exceção. Devemos amar o nosso próximo pelo amor de Deus e como a nós mesmos. O exercício da caridade compreende as obras de misericórdia corporal e espiritual, isto é, para as primeiras, a assistência dada àqueles que têm fome e sede ou que estão nus, a libertação dos encarcerados, a hospitalidade a sepultura aos mortos; para as segundas, a conversão dos pecadores, a instrução aos ignorantes, sofrer os defeitos dos outros a oração pelos vivos e pelos mortos e sobretudo o perdão de injúrias.()

O problema central da moralidade é, o da reta escolha das coisas a serem amadas. Não que haja a menor dúvida quanto ao objeto último do nosso querer: este não pode ser outro que o próprio Deus, segundo vimos na metafísica.

Trata-se apenas de determinar e de querer o que é realmente apto a conduzir-nos a Ele. O que pode levar-nos a Deus é a “caritas”, o amor a Deus.

A caridade consiste num peso interior, que atrai a alma para Deus. Ela se diferencia de todas as outras modalidades de “amor”, pelo fato de referir-se exclusivamente a seres pessoais. O amor a uma pessoa difere do amor a uma simples coisa. Amamos as coisas em atenção à nossa própria pessoa, cujo serviço elas perdem sua existência, como sucede com uma iguaria que se ama e se consome. O amor puro, sincero e generoso a um ser pessoal, ao contrário, visa a pessoa como tal, e em si mesma. O que não quer dizer que a caridade não atente também ao seu próprio bem.

A igualdade no amor ao próximo. Devemos amar os pobres; não porque nos proporcionam ocasião para dar esmolas; nem mesmo se deve desejar que haja pobres para se poder praticar as obras de misericórdia. “Dar de comer aos que têm fome; melhor seria que não houvesse famintos, nem ninguém que necessitasse dos nossos préstimos. Dá de vestir aos nus, seria mais grato ao céu se todos os homens dispusessem de vestuários e não fosse necessário dar de vestir a ninguém. Trata de eliminar a miséria entre os homens, e assim as obras de misericórdia serão supérfluas. Crês que isto teria o efeito de extinguir o ardor da “caridade? Ao contrário: há maior perfeição em amar um homem feliz a quem nada se pode dar; um tal se ama com amor mais puro e mais sincero. Com efeito, que dá esmolas ao pobre talvez o faça com o desejo secreto de dominá-lo, de sujeitá-lo a si próprio... o que se deve desejar é que ele se torne igual a nós: ‘opta aequalem!’ Tua aspiração deve ser esta: que ambos estejais sujeitos àquele a quem nada podeis dar”. A alma da caridade é o querer bem, a benevolência, e não a vontade de prestar benefícios. Pois é de sua natureza aspirar à igualdade. Mas a igualdade seria lesada se nos sacrificássemos totalmente ao objeto do nosso amor. Todo amor interpessoal reclama reciprocidade. Aquele que ama exprime o seu amor por meio de sinais, e espera que seja retribuído com amor. O amor significa uma comunhão de vida entre duas almas. Só assim se explica aquela mistura singular de egoísmo e generosidade, tão característica do amor. O amante e o amado são uma só coisa, e é por isso que podem amar-se como a si mesmos: amar a Deus, porém, é amar o bem como tal. Já não pode haver questão de igualdade entre o amante e o amado.

Para amar a Deus convenientemente, devemos amá-lo de modo absoluto, isto é, não com igualdade mas com desigualdade. O que significa, em primeiro lugar, que importa amá-lo mais que a nós mesmos. A mesma justiça exige que Deus seja o objeto absoluto do nosso amor. Não há comparação possível entre o amor a Deus e o amor a nós mesmos. Pelo que devemos amar a Deus de um modo absoluto e infinito. A medida do amor a Deus é o amor sem medida:

A caridade, o cerne da moral.

A caridade não é apenas o coração da moralidade; ela é a própria vida moral. O começo do amor é o começo da justiça o progresso no amor é o progresso na justiça, a perfeição do amor é a perfeição da justiça. Dominada pelo amor, a alma cumpre cabalmente a lei divina. Amar e fazer o bem lhe são sinônimos: A caridade deve dominar a vida moral. Quem diz caridade, diz amor; quem diz amor, diz vontade; quem diz vontade, diz atividade. Assim o amor, por sua mesma natureza, tende a traduzir-se em atos. Temos consciência de nos determinarmos a nós mesmos e de sermos responsáveis por nossos atos. O problema propriamente agostiniano diz respeito ao uso desta vontade livre, bem como ao seu valor e à sua bondade.

Agostinho diz que “quem ama ao próximo, há-de, amar ao próprio amor. Ora, Deus é amor, logo temos que amar sobretudo a Deus.

Para ele; a caridade é uma virtude que, quando o nosso afeto for absolutamente reto, nos faz amar a Deus e nos unir com êle.

A caridade é, das virtudes, a principal; e o sujeito da virtude é a razão; ela se estende a todos os atos humanos;

O homem é um ser que tem o coração de manteiga; principalmente os brasileiros, nossa tendência como ser humano é ajudar uns aos outros constantemente.

O ato de dar esmolas para muitos, é um ato de caridade; para outros é um ato de justiça; mas na realidade é um ato de amor. Quando repartimos aquilo

que para nós não vai fazer falta e servira para ajudar ao nosso próximo; porque não fazer? Só que não devemos fazer simplesmente por fazer, para chamar a atenção das pessoas, e sim, fazer para livrar aquela pessoa que precisa do sufoco; teve ser um ato de amor e misericórdia.

O que nos move a dar esmolas é socorrer a quem sofre necessidades; por isso, alguns definem a esmola. Dizendo ser a obra pela qual damos alguma coisa a um necessitado, por compaixão e amor de Deus.

A obra da esmola vale duplamente para conseguirmos a retribuição eterna.

Justiça e Caridade

A justiça, culmina no amor, inclusive no amor mais desinteressado. E pode-se dizer que o faz de um modo natural; existe e se manifesta uma verdadeira continuidade entre a justiça (que diz respeito aos direitos) e à dignidade da pessoa; e o perdão e a misericórdia; É descobrindo a vinculação entre a justiça e a caridade que se começa a ver clara entre a justiça e a fé.

É importante insistir na relação entre as exigências da justiça e do amor aos homens, acima de tudo. Não há conversão autêntica ao amor de Deus sem uma conversão ao amor dos homens e, às exigências da justiça.

Fazer justiça, portanto, faz parte integrante do amor ao próximo; tal amor o exige. Pode-se afirmar que “amor” é algo indubitavelmente mais amplo do que “fazer justiça”; mas fazer justiça é certamente algo que o amor exige; isso já é amar verdadeiramente.

O amor ao próximo e a justiça são inseparáveis. O amor é, antes de tudo, uma exigência da justiça, isto é, o reconhecimento da dignidade e dos direitos do próximo. Não se pode prescindir do amor quando se resiste à justiça, porque a universalidade do amor é para Cristo um mandamento que não admite exceções.

O amor e a justiça andam juntos; porque um complete o outro; e não nos custa nada.

Fé e Caridade

A fé e a caridade pertencem às tradicionalmente denominadas “virtudes teologais”. Juntamente com a esperança foram a tríade dos grandes movimentos do homem para o próprio Deus. Nem sempre é evidente para todo mundo se mostrou previamente a unidade entre os dois amores: o amor a Deus e ao amor ao próximo.

Por outro lado, vale a pena verifica se não se pode estabelecer uma relação mais direta e imediata entre a fé e a justiça, sem necessidade da meditação expressa da relação entre a fé e a caridade e entre a justiça e a caridade.

A fé dá sentido à nossa caridade, mas é a caridade que atualiza e informa nossa fé. Quando Cristo estimula nossa fé nele e no Pai, a fim de que o “conheçamos”, não nos pede apenas assentimento, um testemunho e uma conversão, mas também, a aceitação de sua identidade de Enviado e de Filho e a recepção de sua mensagem de conversão.

A fé exige ou impõe a obra de caridade como uma obrigação simplesmente moral, exterior em si mesma ao ato teologal, concretamente, ao ato da fé.

“Nenhum é mais excelente que este dom de Deus, é o único que separa os filhos do reino eterno dos as eterna perdição”, é o que diz Agostinho sobre a caridade.

CONCLUSÃO

É muito fácil falar de coisas boas, tanto é fácil como é gostoso e nos faz bem, nós seres humanos sempre optamos por aquilo que é melhor, isso em todos os sentidos. É bom falar de Deus, de felicidade, de amor, de fé, de solidariedade, companheirismo, justiça, caridade., só que muitas coisa se fossem faladas menos e feitas mais talvez as coisas não fossem do jeito que são hoje.

Tem muitas dessa palavras boas que citei que deveriam ser colocadas em prática e na maioria das vezes ficam só no papel, outras nem se quer em papel são colocadas. Como colocar em prática? Deus, por exemplo, colocamos em prática todos os dias de nossa vida, não vivemos sem ele, existem pessoas que em tudo que fazem colocam Deus em primeiro lugar em sua vida, outras lembram somente na hora da precisão e da angustia.

Através da realização deste trabalho, pude ver a importância de se fazer uma caridade, de se fazer justiça na hora certa, tudo em nossa vida deve ser planejado antes, para que dê tudo certo. O mais importante é que não de vemos ajudar o nosso próximo para fazer bonito para as pessoas, devemos sim, ajudar nossos irmãos necessitados do fundo do coração. Pois estamos fazendo pra Deus, que é o único que poderá nos julgar.

Da mesma força é a justiça, existem tantas injustiças a classe mais pobre, aos mais fracos de situação, tantas impunidade acontecendo que cada dia que passa as pessoas vão se tornando mais e mais inconformadas e revoltadas.

As vezes sou a favor daquele ditado popular que diz "quem faz o mal a alguém, paga aqui mesmo". E outra hora vendo pelo lado do coração penso que

muitos dos que erram merecem uma nova oportunidade. Mas é muito difícil fazermos certos tipos de julgamento.

Na própria bíblia fala, que devemos ajudar nossos irmãos, amando-os e respeitando-os como a nós mesmos. A caridade que fazemos à alguém nos transmite paz de espírito, nos transmite a sensação de estarmos bem com a vida e comigo mesmo. Fazer caridade, não é só ajudar nossos irmãos quando eles estão precisando, as vezes fazemos caridade sem perceber, talvez essa que praticamos sem perceber é a verdadeira, caridade não se faz só com coisas materiais , mas também com palavras amigas nas horas de solidão, com pequenos gestos de carinho e amor para com meu próximo.

Escolhi o tema FELICIDADE e CARIDADE, porque ambos são de fundamental importância na vida das pessoas, pois a verdadeira felicidade, como diz Agostinho é aquela que vem de dentro da alma, que nos traz a paz espiritual, e só a alcançamos quando estamos de bem consigo mesmo, quando podemos fazer o bem ao nosso irmão, o bem que chamamos de caridade, de troca de sentimentos, que é na verdade o amor, o respeito, a solidariedade e a capacidade que temos de nos doar por inteiro a tudo que é verdadeiro. 'DEUS'.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Referência

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Bibliografia

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco; Poética*, seleção de textos de José América Motta Pessanha. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os pensadores v.2)

AGOSTINHO, Santo. *A cidade de Deus*. 2ª ed. Petrópolis, RJ Vozes, São Paulo: Federação Agostiana Brasileira, 1990.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

AGOSTINHO, Santo. *Diálogo sobre a felicidade*. Lisboa - Portugal, ed.70.

BIGNOTTO, N. *O Conflito das liberdades: Santo Agostinho*. In: Síntese nova fase 19(58): 354, 1992

BUZZI, R. Arcangêlo. *Filosofia para principiantes, A existência - humana - no - mundo*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CRESSON, André. *Aristóteles*. Lisboa Portugal, ed.70, 1943.

DUVERNOY, Jean François. *O Epicurismo*. Rio de Janeiro: s/d.1993.

MORENTE, Garcia Manuel. *Fundamentos de filosofia*. 8ª ed. São Paulo. 1930.